

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 26 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3800	1900	650	120
Possessões ultramarinas (idem) .....	4000	2000	700	120
Estrangeiro e India.....	5000	2500	800	120

37.º Anno — XXXVII Volume — N.º 1261

10 de Janeiro de 1914

Redacção — Atelier de gravura — Administração  
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus,  
Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial  
Praça dos Restauradores, 27

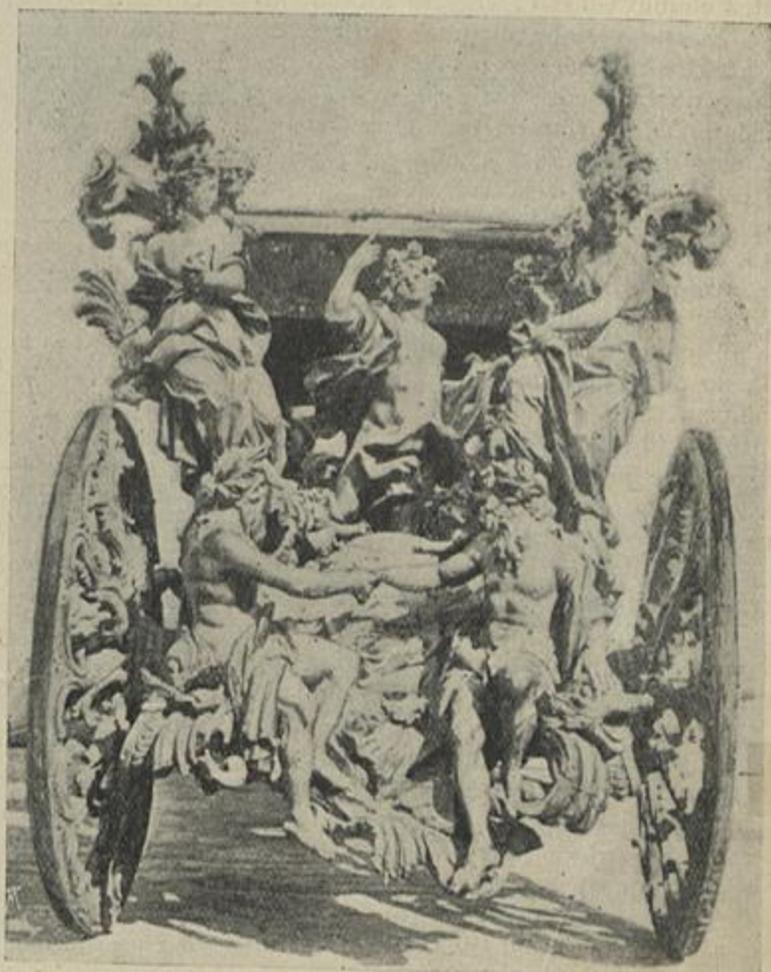
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.



N.º 1



N.º 2



N.º 3

MUSEU NACIONAL DOS COCHES — CARROS TRINUNFAES (ALCADOS TRASEIROS). OS MAIS Suntuosos DO SECULO XVIII MANDADOS FAZER E UTILISADOS POR D. RODRIGO DE MENESES, MARQUÊS DE FONTES, EMBAIXADOR DE D. JOÃO V AO PAPA CLEMENTE XI, EM 1716

## CRONICA OCCIDENTAL

Ano de agoiros, ano de tristezas — 1913 resvalou, alfim, em nevoa e cinza, ao sorvedeiro imenso do passado...

A esta hora, aos primeiros sóes do Novo-Ano, pelo mundo inteiro, os animos exaltam-se festivamente, e os corações são fogueiras sacras, onde se queimam incensos, em acção de graças, aos ceus que refulgem miragens longinquoas e exuberantes de frutos e remansos. Surgem nas Almas ascensões de felicitações e esperanças.

E este ajoelhar carinhoso de Almas nos atrios do Ano que a Religião descortina com os seus dedos míticos de fê, é simbolizado supremamente na adoração simples dos Reis-Magos ante o berço de Jesus.

Novo-Ano! Ano-feliz!

O coração liberta-se do pesadelo ofegante que o oprimia, e respira, por momentos, desafogado; e as palavras, ao tocarem-nos os labios, tomam suavidades de mel silvestre. Vagueia, no ar que nos envolve, um ruido vago de festas, e cáem em nossa frente flôres esparsas e fluídas de saudação. Canta-nos o sangue nas veias. Sentimos nos pés azas céleres que nos levam deliciosamente e não voamos ao ceu, porque a terra se nos tornou um paraíso e anda comnosco Deus.

Ano-feliz! Novo-Ano!

As frias e exaustivas preocupações fenecem á luz do sol novo. Damo-nos as mãos em ronda de encanto.

Os nossos olhos encontram no caminho olhos carinhosos e amigos e nem disso nos surpreendemos...

As senhoras que passam são mais bonitas. E as creanças, que nos fitam, sorriem-nos docemente.

O sol nascente escorre na alma filtros de maravilha. Dissipa sombras e enganos tristes e enleva-nos a atenção no momento feliz. Possui varinha magica que floresce os desertos mais áridos e evoca agua melodiosa nos rochedos mais duros.

Sonhos de instantes, quimeras ardidias, volupias de imaginação, enlevos enganosos da alma — sãs realidades desde que os vivemos.

O cavadôr alevanta com mais gosto a sua enxada e o semeiadôr desenha em êxtase sobre os campos o seu gesto abençoante e criadôr. Os primeiros raios do sol, são como as aguas-novas — animam e tonificam.

Mas, em breve — ai de nós! — o Tempo que não se perde nunca, nem nunca nos perde, ainda que nós o percâmos sempre, leva comsigo e emurchece, nas longinquoidades da distancia, as esperanças do anovoo. E os bastardos da fortuna, mais uma vez desiludidos, emquanto não alevantam outras torças de ilusão, descrêem por momentos, olham os espaços vagamente e julgam sentir erguer-se da poeira do silencio, aquela voz rouca ingenuamente esperançosa, do velho vendedor de almanaques do sombrio poeta-filosofo de Recanati...

«Almanaques... Almanaqueos novos... Ano felicissimo, meus senhores!»

E a sua voz enrouquécia. O olhar enevoava-se. Os cabelos iam-lhe caindo em farripas algodoadas sobre os hombros. E a sua frente enrugava-se e povoava-se de sombras. As esperanças fugiram espavori-

das da caverna do seu peito onde só esvoaçavam já avejões negros de pesadêlo.

No entanto, ao romper do novo-ano, sempre a voz aspera do velho se avolumava num pregão insistente, prenhe de promessas, profetizando prosperidades e melhores dias.

E os dias passam... E os anos decorrem...

E sempre um infortunio ironico antecede os nossos passos, e dispõe sobre o caminho uma subtil camada de neve onde enregelam, sangram e escorregam os pés dos que vão transitando, esperançosos, confiantes, mãos erguidas, fronte altiva, olhos retos, a exigir, de direito, á Vida, o seu quinhão intangível de felicidade.

E a vida que é supremamente sabia e discreta, dia a dia, ano a ano, nos vai dispensando os seus segredos, nos explica os seus ditâmes ocultos, nos ensina com cuidado a decifrar o seu enigma. E nada mais faz que catequisar-nos para o tumulo...

Anos discorrem, anos decorrem, — e se principiam sempre com primaveras floridas de esperanças e felicitações, finalisam por invernos gélicos, epicedicos, de duvidas e desesperanças, sempre.

Assim hontem diziamos. Assim — mal de nós! — repetimos hoje.

Passou, ha dias, o aniversario do falecimento de D. João da Camara. Esta frase, concisa e triste, prostra-nos de saudade ante a evocação do seu alto espirito de poeta e santo. O seu olhar, persistente e lucilante, límpido e reto, fita-nos carinhosamente e animosamente e ergue-se, por momentos, aos longes vagos e fluídos de infinito que atrae de magia a nossa alma enamorada. Fita-nos e guia-nos.

A' luz do seu olhar, não ha atalhos que confundam, nem caminhos longos que apavorem.

Grande coração! Belo Espirito!

O seu coração era uma lampada sagrada — e o seu espirito nada mais era que a irradiação do seu coração luminosissimo.

ANTONIO COBEIRA.



## Museu Nacional dos Coches

Outro assunto não encontramos, no momento, mais de molde, para inaugurar o XXXVII ano do OCCIDENTE, do que apresentar aos leitores desta revista a reprodução em gravura da magnifica instalação do Museu Nacional dos Coches e de algumas destas preciosas obras artisticas, que fazem a admiração de quantos as vêem.

Este museu, desde principios do ano de 1911, está sob a direcção do distinctissimo artista e professor sr. Luciano Freire, o notavel restaurador dos quadros do celebre pintor portuguez quinhentista Nuno Gonçalves, e que nessa difficilima quanto benemerita tarefa continúa salvando do esquecimento e da completa ruina tantos outros quadros antigos de valor, com que vae enriquecendo os nossoa museus de arte.

Com a mesma provada competencia que o sr. Freire emprega na restauração de quadros, se está dedicando tambem á restauração de uma parte dos coches que estavam arruinados e são peças de grande valor artistico. Desde que o sr. Freire tomou a seu cargo a direcção do museu, tratou, não só daquellas restaurações, como de dar uma melhor classificação aos coches que ali se encontram, o que se vê do novo catalogo, e todos os mais objetos que se encontram no mesmo museu.

A classificação que existia dos objetos expostos era, não só arbitraria, mas pouco elucidativa

para os estudiosos, que encontram agora melhor orientação, principiando pelos letreiros que ali se vêem em quasi todos os objetos.

Para os coches que se estão restaurando e que não cabem na actual instalação, está-se preparando um anexo em que serão expostos ao publico.

O Museu Nacional dos Coches, que se acha instalado em dependencia do palacio de Belem e no respetivo picadeiro, magestosa construção mandada edificar por D. José I, junto da residencia de verão, que seu pae comprára ao conde de Aveiras, foi inaugurado em maio de 1905, e encerra a mais preciosa coleção de coches que existe na Europa e que é alvo de constante admiração, tanto de nacionaes como de estrangeiros, constituindo até, para estes, quando de passagem em Lisboa, objecto de visita, por assim dizer obrigatoria, tal é a fama que este museu gosa fóra do pais.

Os coches, berlindas, carrinhos de passeio, liteiras e cadeirinhas em exposição, são em numero de 34 exemplares, e os não expostos 27, o que prefaz uma totalidade de 61 vehiculos, incluindo 5 notaveis coches que pertenceram á Mitra Patriarcal.

Destacam-se, entre todos, os tres famosas carros triunfaes, mandados executar em Roma, em 1716, e utilizados por D. Rodrigo de Menezes, marquês de Fontes, embaixador junto do Papa Clemente VI, que são de maravilhosa concepção coucretisada em perfeittissima obra de talha.

As traseiras destes carros, reproduzidas nas gravuras da primeira pagina, apresentam, como ficou dito, em magnifica esculptura as seguintes alegorias:

N.º 1 — A decoração iconica, alude ao impulso dado por D. João V, ás sciencias, ás artes da guerra e liberaes e á navegação.

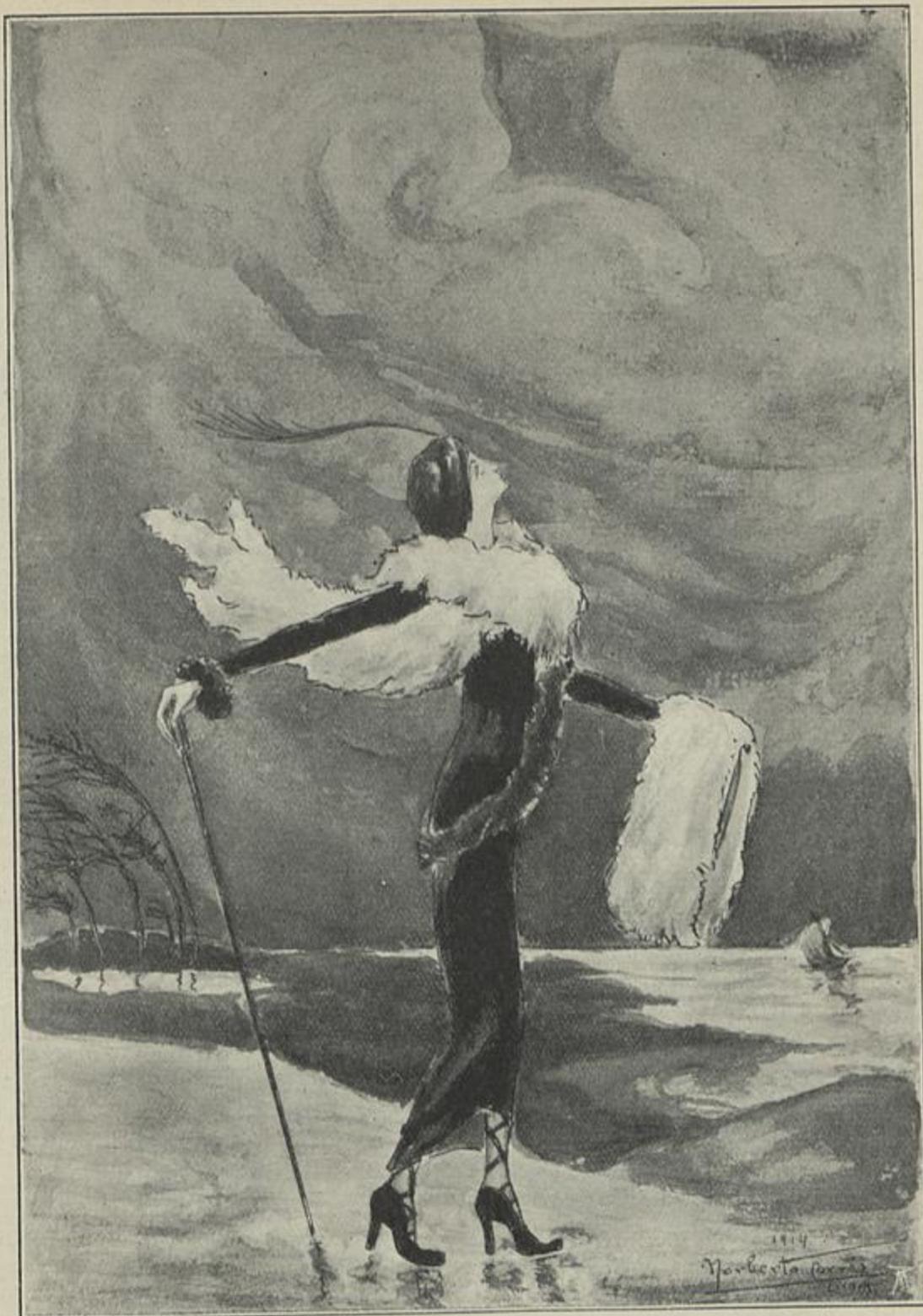
N.º 2 — A decoração iconica, representa a Realza ladeada da Abundancia e coroada pela Fama, tendo junto de si um dragão (simbolo da casa de Bragança) e aos pés, em attitude submissa, a Asia e Africa.

N.º 3 — A decoração iconica é iniciada por duas figuras representando o Atlantico e o Indico, dando se as mãos, allusão ás navegações dos portuguezes e é rematada pela de Apolo, pairando sobre a Esphera Terrestre ladeado de duas figuras alusivas á Primavera e ao Verão.

O coche feito em Espanha e trazido para Portugal, por ocasião da vinda de Filipe II, em 1619, e que é especimen de grande valor archeologico; o de D. Maria Anna de Austria, esposa de D. João V, e o da corôa, construidos, respetivamente, na Hungria e em França para serem utilizados em 1708; o denominado de D. João V, exemplar magnifico que bem demonstra o grau de perfeição que atingiram neste reinado as artes em Portugal, e especialmente a de entalhador, o que por largos anos se manteve, como bem o demonstra o coche denominado de D. José I, o de D. Maria Benedita, a berlinda de Nossa Senhora do Cabo, e muitos outros.

Contem mais o museu preciosos arreios de varias épocas, uns para serviço de tração dos coches, outros utilizados nas montadas dos figurantes na procissão de *Corpus Christi*, e tanto estes como aqueles, decorados com magnifica chaparia artistica de latão e de prata. Estribos do seculo XVII e XVIII de grande belesa e raridade, chibotes, arreios para cavalaria á portuguezsa, á inglêsa, e á marroquina; estes ultimos constituem uma preciosa coleção; foram oferecidos pelo Sultão de Marrocos; fardamentos antigos e modernos, utilizados em serviço de gala, pelos arautos, reis de armas, timbaleiros, chameleiros, cocheiros, *jokis*, moços de estribeira e tripulantes do bergantim e galeotas.

O Museu Nacional dos Coches, é gratuitamente franqueado ao publico, em todos os domingos e dias de semana, das 12 1/2 ás 16 1/2, exceptuada a sexta feira, dia destinado exclusivamente á limpeza. Antes, porém, da hora regulamentar da abertura, é permitida a entrada a quem quer que deseje visital-o, sempre que as exigencias do serviço a tal se não oponham. Graças a esta concessão, de que se aproveitam principalmente estrangeiros, e que sobrecarrega o serviço do pessoal, o numero de visitantes no ano de 1911, como consta do mapa diariamente elaborado, foi de 25.473, em grande parte estrangeiros. Quanto á frequencia de portuguezes, não foi a classe mais illustrada a que forneceu maior contingente; d'entre estes, os endinheirados preferem em geral visitar os museus do estrangeiro por puro *snobismo*, acontecimento que a proposito de tudo citam.



— «Tambem eu com frio, vento e chuva — Indiferença, banalidades e lagrimas — Fustigo, agito, convulsio, dobro, quebro e derrubo...»

Por Norberto Corrêa.

## SALOME

A ANTONIO COBEIRA



NSONIA rôxa. A lua a virgular-se em medo,  
Luz morta de luar, mais Alma do que a lua...  
Ela dança, ela range. A carne, alcool de nua,  
Alastra-se p'ra mim n'um espasmo de segredo...

Tudo é capricho ao seu redór, em sombras fátuas...  
O arôma endoideceu, upou-se em côr, quebrou...  
Tenho frio... Alabastro! A minh'alma parou...  
... E o seu corpo resvala a projectar estátuas...

Ela chama-me em iris. Nimba-se a perder-me,  
Golfa-me os seios nus, ecôa-me em quebranto...  
Timbres, elmos, punhais... A doida quer morrer-me...

Mordoura-se a chorar — ha sexos no seu pranto...  
Ergo-me em som, oscilo... E parto, e vou arder-me  
Na bôca imperial que humanisou um Santo...

Lisboa, 3 novembro 1913.

Mario de Sá — Carneiro

## PELO MUNDO FÓRA

Em poucos dias perdeu o Vaticano dois dos mais proeminentes cardeaes: *Oreglia*, de que já o OCCIDENTE pormenorizadamente se occupou, e *Rampolla*, o celebre secretario d'Estado de Leão XIII, que teria sido eleito Papa pelo conclave de 1903, se não fosse o veto da Austria-Hungria.

O cardeal *Mariano Rampolla*, conde del Tindaro, era defensor acerrimo da *restauração do poder temporal*. Reconhecendo que a Italia se havia fortificado pela alliança com a Allemanha e a Austria, sentiu-se naturalmente inclinado para a França e Russia. Foi por isso que em Agosto de 1903 o bispo de *Cracovia*, cardeal *Kolziésko Pusina*, tendo visto que na primeira reunião na *capella Sixtina* os cardeaes davam a *Rampolla* 24 votos, a *Gotti* 17, a *Sarto* 5, e a *Serafino Vanutelli* 5, e que na segunda votação *Rampolla* obtivera 29, *Gotti* 6, e *Sarto* 10, ao fazer se a terceira votação pediu a palavra e, na lingua de Cicero, exprimiu o desejo do governo de Vienna:

«Encarregado de cumprir esta alta missão, cabe-me a honra de rogar a vossa Eminencia, na sua qualidade de decano do Sacro Collegio e de camerlengo da Santa Igreja Romana, que se digne aceitar a declaração official em nome e pela auctoridade de Francisco José, imperador da Austria e rei da Hungria, de que sua majestade, entendendo usar d'um direito e d'um privilegio antigos, pronuncia o veto d'exclusão contra o Meu Eminentissimo Senhor o Cardeal Mariano Rampolla del Tindaro.»

O illustre secretario de Leão XIII levantou-se e, num tom de nobreza e dignidade que emocionou toda a assembleia, fez ouvir este protesto, em nome dos direitos do Sagrado Collegio:

«Deploro que em assumpto de eleição pontifical se dê um grave attentado á liberdade da Igreja e á dignidade do Sacro Collegio, e protesto energicamente. Quanto á minha humilde pessoa, declaro que não me poderia acontecer nada de mais honroso e agradavel.»

Da opinião dos cardeaes ácerca de *Rampolla* e do veto da Austria, que poz no throno de S. Pedro o cardeal de Veneza, dá eloquente testemunho a *Gazeta de Catania* neste episodio: — Em 1910 o cardeal *Satotti*, que no conclave foi um dos mais activos adversarios de *Rampolla*, achando-se moribundo, pediu a visita d'aquelle seu collega e, ao vê-lo, disse-lhe entre soluços: — peço-lhe perdão pela injustiça que lhe fiz. Deploro o incidente, tanto mais quanto por esse modo auxiliei a eleição pela qual a Igreja hoje está sofrendo. Confesso francamente a minha falta, a fim de que Deus m'a perdõe.

Desde a eleição *Rampolla* manteve-se sempre num silencio completo, em materia de politica ecclesiastica, até que a 17 de Dezembro a morte o foi surpreender, aos 70 annos, no palacio de *Santa Martha*.

Occorre perguntar: — qual seria a situação europeia, sobre tudo no que respeita á França e á Italia se *Rampolla* tivesse sido eleito Papa? E' mais do que certo que se este tivesse succedido a Leão XIII a questão da Igreja em França, em consequencia da ruptura diplomatica



A PRINCESA D. ANTONIA DE BRAGANÇA  
E SEU MARIDO O PRINCIPE LEOPOLDO DE HOHENZOLLERN

com o Vaticano em 30 de Julho de 1904, teria assumido um aspecto muito differente.

O *negus* da Abyssinia, o imperador *Menelik II*, falleceu apoz alguns annos de doença. Está na memoria de todos o formidavel desastre soffrido pelas tropas italianas, sob o commando do general *Barattien'*, contra as hostes de *Menelik*, o rei dos reis. Em *Adua* ficaram 4:500 europeus e 2:000 nativos, mortos e feridos, além de 2:500 prisioneiros. Isto deu-se em febreiro de 1896.

O resultado da batalha de *Adua* surpreendeu a Europa.

Pelo tratado de 26 de Outubro d'aquelle anno a Italia reconheceu a independencia da Abyssinia.

*Menelik*, fallecido em *Addis Abeba*, reinou durante 20 annos, tendo procurado

desenvolver a sua nação. Conhecia a existencia de ouro e pedras preciosas, bem como grandes quantidades de petroleo. Era adverso ao estrangeiro. Numa notavel carta em que annunciou ás potencias a ruptura de relações com a Italia, o *negus* descreveu a *Abyssinia* como tendo sido durante quatorze seculos uma ilha de christãos no meio d'um mar de Pagãos. Mantinha a tradição da sua descendencia de *Salomão* e da *Rainha de Sheba*.

O throno da Abyssinia pertencia de direito ao *ras Mangasha*, filho natural do rei João. Mas *Menelik* venceu-o em combate. Em 1889 assignou com a Italia o tratado de *Ucciali*, cuja interpretação veio mais tarde a determinar a ruptura e o consequente desastre de *Adua*.

*Menelik*, que casara em 1883 com *Taitu*, filha de *Butul*, da familia do *ras* do *Tigré*, *Galric*, e já viuva de quatro maridos e que exerceu o governo desde 1909, não tinha filhos. Em Junho de 1908 annunciou ás potencias que havia escolhido para herdeiro do throno seu neto *Lidj Yasou*, nascido em 1897, do casamento de sua segunda filha com o poderoso chefe *Ras Mikael*, de *Wallo Gallas*, que terá de empregar o seu grande exercito de 50:000 homens para fazer valer a vontade de *Menelik*, de cujo testamento é executor, contra as hostilidades do irmão da imperatriz *Taitu*, durante annos a senhora absoluta da Abyssinia, é agora rebelde á cedençia do mando supremo.

Neste dobre a finados, em que se assignalou o fim de Dezembro, tão frio e agreste, faleceu a infanta de Portugal *D. Antonia de Hohenzollern*, viuva do principe *Leopoldo de Hohenzollern Sigmaringen*, nome duplamente ligado á familia de Bragança, primos pelo casamento de *D. Pedro V* com a princesa *D. Estephania*, e depois pelo casamento da infanta *D. Antonia* com o principe *Leopoldo de Hohenzollern*.

A princesa *D. Antonia Maria Fernando Michaella Gabriella Raphaella Francisca de Assis Anna Gonzaga Silvina Julia Augusta* nasceu no palacio de *Belem* em 17 de Fevereiro de 1845, casou-se em Lisboa em 18 de Setembro de 1860 com o principe *Leopoldo*, irmão da rainha *D. Estephania*, que veio a fallecer em 1905. A cerimonia realisou-se na capella do paço das Necessidades.

Os regios noivos partiram para *Antuorpia*, a bordo da corveta *Bartholomeu Dias*, comandada pelo infante *D. Luiz*, depois rei de Portugal.

A infanta *D. Antonia* esteve em Lisboa em 1887. Era a unica filha que restava de *D. Maria II*; tia-avó de *D. Manuel de Bragança* e avó da princesa *Augusta Victoria*.

J. A. MACEDO D'OLIVEIRA.



CHEGADA A LISBOA DA MISSÃO INGLÊSA

Que vem visitar os Campos de Batalha da Guerra Peninsular; Mrs. tenente coronel Maurice, capitão E. Furse, capitão G. Tharp, capitão A. C. Jeffroat e capitão H. Headlam, vindo-se à direita o sr. major Botelho, ás ordens da Missão

## Carta a uma vizinha triste

Longas semanas sem rir, a evitar o Sol que a espreita de longe para lhe doirar o moreno da face, vejo-a sofrer do meu quarto, hora a hora, e ás vezes correr as mãos pelo piano, negligentemente, procurando espalhar a melancolia do outono.

Em vão!

Entristeço-me consigo, minha Senhora, ao reparar cada dia na funda angústia dos seus olhos, sôbre que as pálpebras descem pesadamente a ocultar um mistério doloroso.

Percebe se-lhe ao primeiro aspecto a contrariedade em reparar nas coisas que a cercam e avalio que a sua repugnancia em olhar êste mundo de enganos, deve ser tão grande como o anseio de um cego de nancença por ver as mãos que o acariciam.

Talvez a minha boa vizinha tenha razão: não vale a pena sacrificar ás frivolidades de todos os instantes o alto pensamento que já um dia lhe encheu o espirito de esperança e que ainda agora é capaz de o nutrir de mágua tamanha.

Aqui na rua, toda a gente pensa na sua tristeza e todos os corações estão condoidos do seu amargurado viver.

E' assim a natureza humana.

Ainda ontem...

A sua voz ninguem a conhece, nem ha esperança de ouvi-la romper o silencio em que a sua alma sufoca.

Chove teimosamente desde manhã cêdo, é quasi noite e ainda vejo, através uns vidros lacrimosos, a mancha eternamente rôxa de esse vestido que lhe vem fazendo o luto da saudade na terra amavel de Coimbra.

Escolheu bem, minha Senhora.

Para exilio de almas doentes, Coimbra é uma sedução invencível.

Aqui sofre-se muito, infinitamente mais,

porque tudo é triste á roda de nós, e para quem na dôr encontrou destino, chega a ser dôce sofrer sempre, na confusão dos males próprios com os alheios.

Agora estou eu notando que lhe marca o ritmo da saudade e chuva a cair, miuda, igual, sempre a mesma, porque tem abandonado nos dedos o divino Musset, o melhor companheiro para a solidão dormente do seu espirito, em que os dias, lhe passam insensíveis, como caiem as folhas do calendário de parede...

Lembro me de lhe mandar noticias de cá de fóra, dos campos e do ceu, na tentação de a distrair — se eu pudesse! — dizendo-lhe como sinto hoje a bondade simples das coisas, os longes de verdura a arripiarem-se de frio, os musgos do seu telhado mortos todo o ano e agora alegres do esplendor dos pombos que sôbre êles arrulham de amor.

Lá vem o lamento do sino, aquele nocturno dolorido, trazer vozes de noviças roubadas ao mundo e em cujas sepulturas a inocencia semeou lírios que renasciam cada ano.

Não o sente hoje? Aquele sino vigilante que todas as noites espalha um crepúsculo de gemidos, toada de além-mundo que a alma da minha vizinha recolhe, sorvendo-a em soluços... não o sente?

As vezes vejo que o escuta e é então que melhor reparo na sua testa alta, caída de uma soberania antiga e lembrome timidamente se o meu pensar não será o seu pensar, cuidado lêr o seu infortunio misterioso, as noites desveladas, os pesadelos...

Sofro consigo, minha Senhora, e quasi nem sabe da minha existencia, sequer para me desdenhar, a mim que divulgo a sua dor intima e por ela esqueço os meus males.

O seu passado... que infinita saudade!

Diz-mo Chopin arrastado romantica-

mente agora, sacudido outras vezes com impeto, em dias funestos de maior crise.

E toda a gente me interroga sôbre o segredo do seu pesar que tambem é meu sem saber porquê.

A servente pergunta-me se ficaria orfã de mãe em pequenina, conta-me a experiencia da boa mulher vários casos para esclarecer o misterio; alguns amigos meus fazem-lhe sonetos e outros chegam a tentar-me a paciencia com perguntas impertinentes, envenenadas de malicia.

Por mim, tenho muita pena de que um sorriso seu não ilumine a rua, nem a graça que pode ter toda a mulher nova e formosa, tranquilize a ternura e o cuidado desta vizinhança compassiva.

Amanhecem ás vezes lindos dias de sol, ha na cidade distrações que tenho a ousadia de lhe recomendar: o cinematógrafo, a missa das onze, a música no Caes, o que ha...

Senhora da Tristeza, queira sorrir! Beijo-lhe as mãos.

HIPPOLYTO RAPOSO.



## Ultima Folha

1913

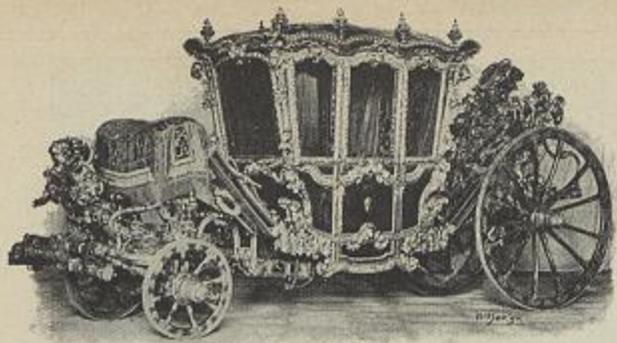
Doi-me deixal-o: e vou com a mão tremendo  
Tirar a ultima folha ao calendario.  
Como quem passa as contas de um roزاریo  
De um dia a um dia mais eu fui vivendo.

Porque é que, oh meu passado, eu te defendo  
Qual de saudades mystico sacrario?  
Em tudo o que me fôste incerto e vario  
Eu já te perdoei; não me arrependo.

Acho-me aqui producto do passado,  
Se vim tarde não sei, nem se vim cedo;  
E quando emfim sahir é de mau grado.

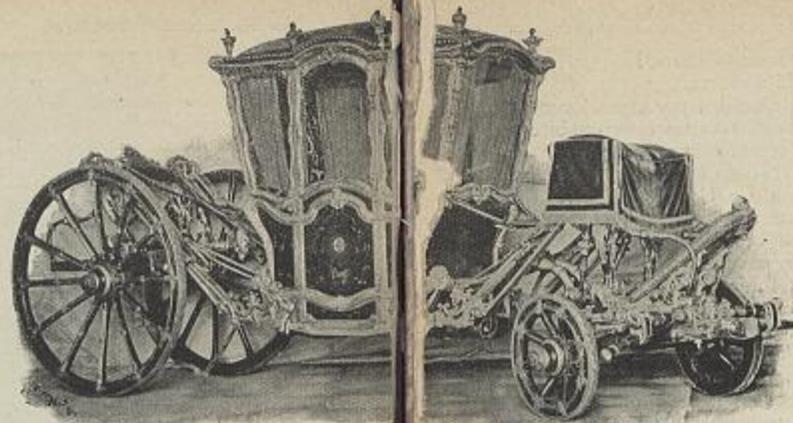
O anno de amanhã? Sempre um segredo.  
De tanto desfolhar em fim cançado  
Cheguei á ultima folha, e tenho medo.

NEMO.



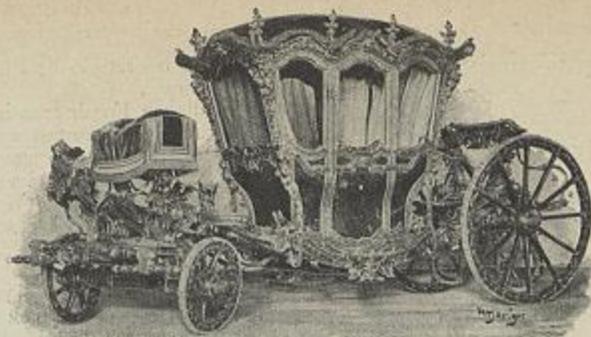
COCHE DE D. JOSÉ I

Magnífico coche feito em Portugal nos anos 1770-1773. A pintura alegórica do apainelado trazeiro, parece aludir, indiretamente, ao sábio e forte governo do Marquês de Pombal.



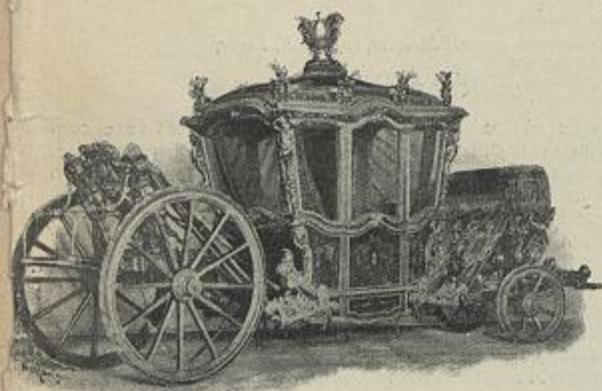
COCHE DE D. MARIA FRANCISCA DE SÁBÓIA

Oferecido por Luis XIV, rei de França, por ocasião do casamento desta princesa com D. Afonso VI, rei de Portugal, em 1666. Os jogos foram substituídos em Lisboa na época de D. João V



BERLINDA DE D. MARIA I

Esta berlinda é também denominada de D. Miguel I, por ser mandada restaurar durante o seu curto reinado. Foi feita em Portugal, em 1799.

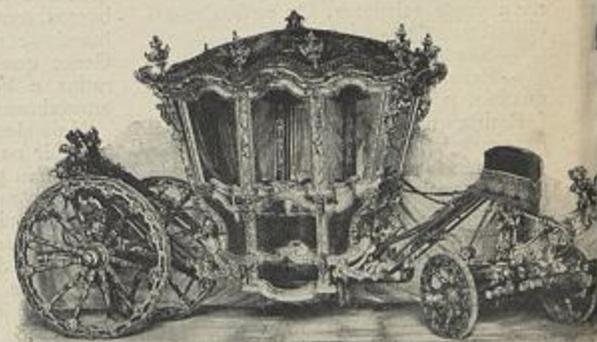


COCHE DA CORÓIA

Destinado unicamente ao Rei e só utilizado nos grandes cortejos de gala. Foi mandado fazer em Paris por D. João V, em 1708.

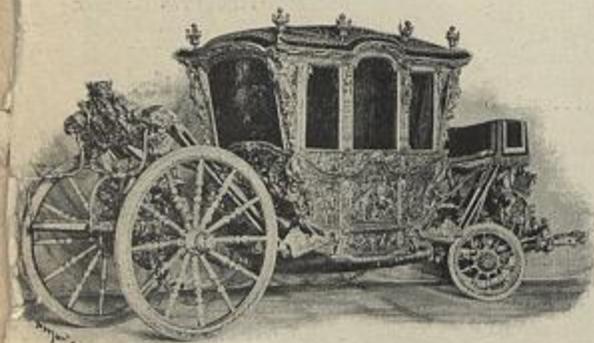


MUSEU NACIONAL DOS COCHES



COCHE DE D. JOÃO V

Magnífico Coche feito em Portugal, na primeira metade do século XVIII. Foi usado em todos os grandes cortejos de gala, que se realizaram em Lisboa, tendo conduzido o Imperador do Brasil, Rei Oscar da Suécia, Reis de Espanha, D. Afonso XII e XIII, Rei Eduardo VII de Inglaterra, Imperador Guilherme II da Alemanha e Emilio Loubet, Presidente da Republica Francesa.



COCHE DE D. MARIA ANA DE AUSTRIA

Mandado fazer na Hungria, por D. José I, Imperador da Austria, para oferecer a sua irmã D. Maria Ana, por ocasião do casamento desta Princesa, com o rei D. João V de Portugal, em 1708.



COCHE DO PAPA CLEMENTE XI

Construído em Roma e oferecido pelo Papa Clemente XI a D. João V, em 1715, por ocasião de enviar as Fochas Bentas, para o recém-nascido Príncipe D. José.

## ROMANCE

Victor Debay

## Amiga Suprema

*(Versão livre auctorizada pelo auctor,  
por Alfredo Pinto (Sacavem))*

Primeira parte

## VIII

## UM DESERTOR DA GLORIA

— Mas eu insisto.

— Não mudo de ideias, sr.<sup>a</sup> Condessa.

— Vou então arranjar um meio.

Então algumas senhoras muito elegantes, fazendo parte do grupo as sr.<sup>as</sup> Nerilly e Laurais, rodearam o pianista.

— Então, sr. Destalbert.

— Alguns compassos.

— Por favor...

O pianista não mudava de ideia.

— Minhas senhoras, já não estou habituado a que me ouçam; a solidão torna a gente selvagem. Os vossos lindos olhos intimidam-me.

— Nós os fecharemos, só ouvimos.

— Pensar que os vossos ouvidos me ouvirão, não tenho coragem.

Retiraram-se e a condessa ficou mal impressionada.

Por um instante houve em toda a sala um longo silencio.

Destalbert, em um grupo de artistas, dizia:

— Tocar Beethoven perante estas senhoras, não, isso nunca! E' como se mostrasse a uma senhora a cathedral de Paris e que ao passar sob as abobadas, ella, com um ar estúpido, dissesse: «é bonita mas é pouco illuminada!» Um dia, que esteja só com os srs. artistas, então tocarei, e a vós, Anna, grande artista, os meus cumprimentos pelo divino Mozart.

— E' verdade, disse Fombreuse, que encanto de interpretação!

— O trabalho! respondeu ella, olhando fixamente para Fombreuse e para Steinbaum.

— Sempre impenetravel! disse o gravador.

Anna Le Cozan retirou-se para o seu quarto, precisava de solidão, pois sentia na sua alma uma lucha mysterioso de ideias as mais oppostas.

## IX

## O ORATORIO DE PLOUGASNAU

O dia seguinte era um domingo. A representação do *Orfeo* devia começar á tarde pelas seis horas, apoz uma refeição offerecida aos convidados.

Serafina e o general tinham ouvido missa em S. João Doigt; Fombreuse tinha-os acompanhado. Steinbaum esperára o general no cemiterio, afim de lhe mostrar uns esbôços de rapazes e mulheres do campo onde se podiam notar as linhas geraes de uma raça definida.

— O melhor é ficar para outra ocasião, disse Steinbaum que notára no general uma certa hesitação, por não querer ir com a filha a casa da companheira de Steinbaum.

— Isso não, disse Carbranches apoz reflexão, Serafina pôde com Fombreuse

ir vendo o oratorio de Plougasnau e lá me esperam.

Serafina e Fombreuse iam caminhando atravez dos campos ainda molhados da manhã. Em pouco tempo, a necessidade de encontrarem uma ponte de madeira para atravessarem o ribeiro e irem para Plougasnau, obrigou-os a terem phrases infantis:

— Por aqui.

— Não, por aqui é melhor.

— O chão está horrivel.

— Venha atraz de mim.

Como encontrassem um grande tronco d'arvore estendido sobre o caminho, Fombreuse teve que dar a mão a Serafina, e pareceu sentir atravez da luva a pressão delicada dos dedos. Ella tinha no seu vestido claro uma leveza de andorinha.

Para subirem um talude mais ingreme o compositor offereceu o braço a Serafina. A' medida que iam subindo, a vista estendia-se em um horizonte vastissimo, ao longe o mar, divisando-se pequenos barcos com vélas muito brancas semelhante-se a gaiotas prestes a voarem. Gente que passava cumprimentava Serafina e Fombreuse, estes agradeciam amavelmente.

Mais além uma velha pedindo esmola quiz lêr na mão da artista o seu futuro e apontou para Serafina, depois uns marinheiros saudaram Serafina, parecia que todos incluindo a natureza olhavam para aquelle pár, cheios de contentamento. Ao fundo do valle a casa de Steinbaum avistava-se entre frondosas arvores. A uma das janellas estava Steinbaum a mostrar os desenhos ao general, Karl e Franz brincavam no jardim.

Apenas avistaram Serafina e Fombreuse disseram lhes adeus com os braços, ao passo que Serafina com a sombrinha correspondia alegremente.

— Como é alegre a vida, assim! disse Mauricio.

— Nem todos a sentem da mesma fórma.

Chegaram ao oratorio de Plougasnon, um monumento em granito, architectura bastante bizarra.

Entraram. No altar estava uma imagem de um santo de madeira pintada.

— Diz-se aqui, missa? perguntou Serafina.

— Não sei.

— Que bello lugar para se rezar a Deus! Mas agora reparo, no altar está uma cabelleira, um voto, sem duvida...

— Já tinha notado isso. Mesmo perguntei levado pela curiosidade e soube que as raparigas que desejam casar-se offerecem n'este altar o seu cabelo!

— Singular costume!

— Presente delicado para agradecer, talvez, o favôr recebido.

E a voz grave de Fombreuse ajuntou: — Os cabellos são cortados tambem d'aquellas que renunciam.

O artista contemplou por momentos Serafina, esta quasi que não podia dizer uma palavra, parecia que dos olhos de Fombreuse sahiam forças occultas que a dominavam! Fombreuse pegou-lhe da mão e ella cheia de pudôr não ousou fazer o menor movimento.

— O senhor faz-me esquecer Deus!

— E V. Ex.<sup>a</sup> o contrario; se nós jurasemos?

— Um juramento eterno?

— Sim, até á morte.

E ambos elevados por um só pensamento, sentiam as suas almas subirem ás sagradas regiões do amor puro.

Um grito abafado foi ouvido, voltaram-se, era Anna Le Cozan que estava á porta do oratorio!

Fombreuse reconhecendo Anna, perturbou-se um pouco.

Serafina foi ter com o artista, e deixando cahir a cabeça sobre o hombro de Anna deixou deslizar uma lagrima, argumento da mulher para seu perdão.

Ella não notára a palidez de Cozan, a expressão terrivel do seu olhar de saphira. A physionomia estava como petrificada, a mulher de Loth não tivera maior afflicção perante o incendio da sua patria.

— Porque chóra, Serafina?

— Anna, a felicidade tem lagrimas como a tristeza.

— Já o ama ha muito tempo?

— Desde que o conheci.

— Que seja feliz, elle tambem nos ama.

— Mas que tem Anna? Tão tremula!

— Não os esperava aqui!

Fombreuse sentia-se pequeno perante aquella alma!

N'este momento appareceu o general.

— Como está, Anna? Sempre bem disposta, não é verdade? Acabo de ver os desenhos de Steinbaum, são maravilhas... mas que tens tu, Serafina? Estiveste a chorar?!

— Meu pae, perdoai-me, acabo, sem o vosso consentimento, de tomar a grave resolução de entregar o meu futuro a Fombreuse.

— As tuas resoluções são para mim ordens, és uma boa filha. Fombreuse, já deverá saber quanto o estimo, dê-me a sua mão.

A felicidade de Serafina e o desgosto de Anna augmentaram paralellamente e na volta para o castello, da mente de Anna nunca mais pode desaparecer aquella scena que presenciára, tão dolorosa para o resto da sua vida!

## X

## A DÔR DE ORFEO

Desde as quatro horas no pateo de Feunteungoat era uma continua chegada de carruagens. Os convidados reconfortavam-se no bufete armado na sala de bilhar, outros passejavam á sombra das arvores do parque e pelos jardins. A condessa de Rudennis apparecia em toda a parte para ser amavel com todos. Ella tinha convidado a nobreza dos arredôres e os proprietarios dos castellos visinhos, gente endinheirada á ultima hora, á custa da velha aristocracia da Bretanha. As suas maneiras de se apresentarem chocavam demasiado a pura elegancia de Paris que alli estava reunida, mas que fazer? A condessa de Rudennis não podia deixar de os convidar...

Lescourias dando o braço á sr.<sup>a</sup> Lau-rois dava uma volta ao jardim e observava:— Gosto immenso de analysar toda esta gente aqui reunida, existem figuras deveras *maravilkosas*; como o mundo é ridiculo!*(Continúa.)*

## Exposição de pintura

Antonio Saude e Falcão Trigoso inauguraram, nos ultimos dias do ano findo, uma exposição dos seus mais recentes trabalhos. Ao salão Bobone, não tem minguado, desde então, por certo, concorrência de artistas e amadores e curiosos de arte. E' que estes dois jovens e distintos paisagistas conseguem, dia a dia, mais e mais, afirmar as suas personalidades. Ambos discipulos de Carlos Reis, distinguem-se, contudo, á evidencia, inconfundivelmente.

O Mestre dispensou lhes auxilio preciosissimo, sem duvida; entanto, dele se afastaram tanto e entre si mediaram distancia tamanha que mal se percebe, de relance, a característica comum que os irmanisa.

Trigoso dá-nos, em pinceladas fortes, a paisagem exuberante do Algarve, uberrima e intensa de reverberos.



NAS MARGENS DO MEUSE

(Quadro de Antonio Saude)



FAVAS E ALFARROBEIRA

(Quadro de Falcão Trigoso)

Riquêsa de colorido, firmeza de desenho — são qualidades excelentes que o põem, de pronto, em destaque.

*Favas e Alfarrobeira*, emociona intensamente.

*Encharcado... de tristeza*, é um grande quadro que nos detem pelo seu vigoroso e exato colorido.

*Penumbras... Aguas estagnadas...*

Antonio Saude assiste, ha anos, em Paris naturalmente, o seu pincel imbuu-se de influencias diversas.

A visão busca, em febre, aspetos extranhos. O traço esmaia em subtilisa.

*A Lua sobre o Sena*, é de certo modo original pela sua coloração fina e finamente nuancada.

*Margens do Meuse*, atrae irresistivelmente a imaginação enlevada de maravilha por aquelle ceu de deslumbramento.

Tal é a impressão que nos deixou no espirito uma visita rapida ao salão Bobone.

## Nascimento e Consoadas

Segundo resa a folhinha, cahiu em um domingo o dia do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo no anno de 1870; nas avenidas do tribunal judicial de... era grande a concorrência; estava annunciada para esse dia a arrematação da importante propriedade urbana e rustica, o casal ou Quinta de Mont'alvão; e como era a terceira praça ia ser posta a lanchos sem valor.

Não havia memoria de vivos de que tão importante predio tivesse alguma vez sido posto em pregão. O facto era impressionante, e por ventura commovente; e ouvidas as lamentações compassivas de uns e as informações de outros, ficava-se sabendo que no passado a casa dos senhores de Mont'alvão, sempre forte e desafrontada, foi passando por muitas gerações de pais a filhos até que, em hora malfadada d'estes tempos, veio a cahir n'aquella miseria.

A Quinta de Mont'alvão era uma propriedade nobre com casas de sobrado e de vidraças para habitação da familia, onde todos os senhores, que ao casal deram seu nome, foram nados e criados de geração em geração, e d'ali sahiram para a igreja, para as armas, e para as letras, em que sempre se desempenharam com lustre e honra, tanto por esses reinos fóra, como em terras de além mar; e quando, acabado o tempo, ali vinham dar fim, era para contar a parentes, adherentes e amigos como se desempenha a vida, no cumprimento do dever, e com a consciencia em paz.

Em terrenos de producção tinha sido a Quinta um condado; terras de varzea extensas e de abundante producção, uma ilha de arroz, horta, meloal, ricos pomares; só os moinhos dos Olhos da Fervença eram uma riqueza; as abegoarias, curraes e alpendres eram consoantes a importancia da lavoura; e só em casas de serviços e trabalhadores dava para uma aldeia; e para nada faltar, até na casa havia missa nos dias de obrigação.

Era este o falatorio que precedia a abertura da praça em que iam abysmar-se os ultimos restos de uma tão considerada fortuna para pagamento de dividas dos penultimo e ultimo possuidores.

Retirado a um canto e como que a tudo indifferente, um velhinho de meã estatura, rosto avinçado de rugas, olhos pequenos mas de um olhar vivo e penetrante, teria escapado a toda a observação se não fosse visto de quando em quando puchar pela manga do albornoz de um ecclesiastico evidentemente de menos idade, a quem parecia acompanhar: e esses movimentos bem significavam o interesse que as fazes da arrematação lhe iam despertando.

Quem bem attentasse no bom do velhito, que era o sr. Nascimento, não daria dez réis por elle, segundo o modo vulgar de dizer; na cabeça um barrete de malha de lã de côr muito duvidosa, dos hombros pendia-lhe já no fio um gabão de capuz vizivelmente franjado no inferior das abas e annixados os pés em miseraveis tamancos: o que n'aquelle quasi ninguem denotava uma energia masculina era o appresentar-se a peito descoberto, solta a camisa grosseira sem botão no colarinho, sem o menor resguardo contra o rigoroso frio da estação, que não muito ao longe alvejava em tal dia nas escarpas das serras do Caramulo e da Estrella.

Declarou o preegoeiro aberta a praça e esperou pelo primeiro lanch: seguiu-se um silencio profundo como de quem se concentra para accumular forças; e um primeiro lanch de uns irrisorios cem mil réis vem illudir todas as expectativas. O bom do Nascimento como quem dá uma voz de sentido, puchou pela manga do prior, em quanto este esperava que o principal credor, o Banco Hypothecario, fizesse aquecer a praça até ficar seu credito bem a coberto. A praça arrastava-se morosa como se tratasse de cousa insignificante, até que uma voz mais ousada lanchou até um conto de réis, e então o Prior, costumado a fallar com intimativa aos freguezes, bradou lá

do fundo: ponha lá mais dois mil cruzados; mais cem mil réis, diz um novo interventor e a um puchão mais sacudido responde o sr. Prior do Payão com novo lanch: ponha mais cincoenta moedas. Dois contos cento quarenta mil réis, declarou o preegoeiro: foi isto o signal da escaramuça, a praça foi aquecendo e para livrar o albornoz do Prior de ficar sem manga ou sem a aba veio a encerrar-se a praça com o seu ultimo lanch de seis contos e quinhentos mil réis. O Banco estava seguro, os pequenos credores que não conheciam quem mais quizesse, e não podendo com o lanch abandonaram a praça.

Tratava-se do auto de arrematação, muitos dos circunstantes conheciam o sr. José do Nascimento da Gandara e alguns o reverendo Prior de Payão o sr. Padre Ignacio do Coração de Jesus, informava-se o escrivão a respeito do nome do arrematante e acudiu logo o velho Nascimento com o nome do sr. Padre Ignacio.

Não é tal, replicou logo o Prior todo avespinhado, não ha duvida que é o sr. Nascimento, é elle que me traz aqui como testa de ferro para fallar por elle; e vocemece bem sabe, tornando-se ao velhote, que embora cem vezes me virasse de fóra para dentro e de dentro para fóra não era capaz de escorrer nem uma decima parte do dinheiro que isto lhe vai custar.

Acabemos com isto, voltou o escrivão.

O sr. Prior bem sabe que as senhoras de Mont'alvão a menina Jesus e a menina Maria José não teem outro sangue mais chegado que o seu, e sabe tambem quanto ambos nós, o senhor mais do que eu, deviamos aquella familia. Já que quer ouvir ouça. Se não fosse o avô d'estas meninas, o sr. Henrique Mont'alvão, vocemece *havera* de comer o pão que o demo amassa, ou guardando cabras por esses estevas fóra, ou de enchada nas unhas como qualquer gandarez; vocemece bem sabe que não tem outros herdeiros, e seria uma dôr d'alma ver sahir do seu casal aquellas innocentes bem criadas e mal fadadas e deixá-las á aventura. Ponha lá sr. escrivão, o nome do sr. Padre Ignacio do Coração de Jesus.

O Prior não treplicou, e escripto assim o nome

informou o funcionario que o arrematante tinha de fazer em tres dias o deposito do preço sob pena. . . Na d'isso, interrompeu logo o Nascimento, cortando a frase, passe já as guias e paga-se tudo, tudo, o preço, a arrematação e a siza; não são quaesquer seis vintens com que a gente possa andar no caminho. Este dia é um dia santo de graça, e peço-lhes que me livrem d'este encargo por esmola.

Esta ingenua petição foi deferida e todo o pessoal official com intervenção no assumpto se prestou a encaminhar para a receita da Fazenda e Caixa Geral de Depositos as respectivas quantias.

As imprevistas e um tanto audaciosas affirmações de José do Nascimento fizeram sensação e não foi a menor o verem sahir de tão fraca roupa quantias tão importantes e tanto mais que elle accrescentava: se for preciso pagar já o transporte para as meninas tambem se paga.

Como e por que era tudo aquillo? José do Nascimento começara a desabafar e tinha de concluir para ficar livre de um pezadelo, que afinal de contas não passava de uma boa acção Chamado pelo juiz a uma conversa particular ei-lo a desenferujar a lingua.

Isto já lá vem de traz, sr. juiz, e as coisas ditas de principio é que se intendem como ellas são.

Meu pae era casado havia um anno quando nasceu a minha Conceição e estava esta no meio da sua criação de leite quando ao sr. Marcos Montalvão nasceu o menino Henrique, minha mãe foi contratada para lhe fazer a criação e d'ahi ficaram ambos elles ao serviço da casa: meu pae nos serviços da cultura e minha mãe nos serviços da familia e lá se demoraram até que poderam ir descançar na velhice. Passados uns quatro ou cinco annos em um dia de Natal vim eu ao mundo, e d'ahi me chamaram Nascimento, e ainda vim a tempo de levar ás costas as costéllas e armadilhas com que o sr. Henrique armava aos passarinhos, era eu o seu mocinho de recados. Quando chegou a idade, o sr. Henrique foi para estudos para Coimbra e por lá se demorou uns oito a nove annos até que se formou em doutor sem deixar de vir sempre a casa em todas as festas do anno.

Antes d'isso, já eu era um homemsinho, meteu-se-me o demo em cabeça de ir para o Brazil, puz os pés ao caminho até ao Porto e lá me contratei para a marinhagem em um hiate e fui desembarcar no Rio de Janeiro, no mesmo dia em que fazia dezoito annos.

Dei, mal que pude, para cá noticias minhas e passado mais de um anno tive a resposta em que ruins novas me davam dizendo-me que a minha Conceição tinha adoecido das febres do arroz; que ficara muito fraquinha, e para se curar de todo fóra estar em ares do mar na Figueira; que ali se travara de conhecimento com umas senhoras do convento de Pereira que se agradaram muito d'ella, e a levaram comsigo; que a muito custo a mãe a deixara lá ficar, com muitas lagrimas de parte a parte se despediram, e á hora em que me escreviam ainda por lá se demorava e sem a menor tenção de se vir embora.

Andei por lá uns bons quinze annos em cata de fortuna, que louvado Deus não me foi de todo madrasta, apesar d'uma benzedeira lá d'esses matos por onde transitei, um dia me dizer que havia de levar a vida a ganhar para os outros e que lá para o fim é que tinha de acabar por uma acção de muita admiração para os homens, mas de muito mais agrado para Deus. Se assim fór faça-se a sua divina vontade.

No meu regresso á terra passado tanto tempo achei tudo muito mudado. O sr. Marcos tinha deixado o logar vago ao filho, o sr. dr. Henrique. Este fizera os primeiros desatinos de um casamento lá para o Campo com uma menina ao que parece da Bem Canta, linda como uma imagem, bõdade até ali, mas não passava d'isso. O sr. Henrique tratou de pôr tudo á moderna, sem se lembrar dos estragos que tinham deixado os francezes, e os que estavam causando as guerras do sr. D. Pedro com o sr. D. Miguel. De tudo isto o primeiro tombo na sua casa, depois a mania que lhe deu para se meter a deputado. Essa maldita vida de Lisboa faz perder a cabeça a muita gente que pareceu tel-a tido sempre em seu logar. Os trez cruzados novos que lá se davam por dia áquelles senhores não chegavam nem para a cova de um dente; depois eram chamadas de dinheiro da casa, que fazia cá falta para o grangeio. A senhora era pouca para cuidar do menino, da administração da casa, a fóra das telhas, nada intendia; e deu tudo em andar mal governado; demais o sr. Marcos deixara de palavra ao senhor doutor, e em papeis particulares que depois appareceram, a obrigação de

uma tença á recolhida de Pereira, de continuar com as despesas de criação de estudos no seminario, até á ordenação de um certo engeitadinho, que fóra motivo de grave desgosto entre pai e filho; e tal desgosto foi elle que assim que o sr. dr. Henrique acabou os estudos arranhou ir logo administrador para Pombal, ali poz banca de advogado, e depois da morte da mãe, só veiu de vez, chamado pelo pae quando começou a decahir na idade, mas scube-se que nunca desculpou o sr. Henrique do modo por que uzou com a sua irmã de leite.

Depois foi que tudo se corrompeu quando os taes papeis appareceram. Foi o sr. Marcos que depois da tal doença da minha Conceição quiz que ella entrasse para o recolhimento de Pereira, foi elle que lhe pagou a entrada, e estava dando sonegadamente uma tença.

Aquelle sr. Marcos era um homem de brio e de coração. Uma rapariga do povo não era propria para mulher de seu filho, mas a mãe de um seu neto já não podia sem consciencia dar-se limpamente a outro homem, nem outro homem limpamente receber-a.

Quer saber sr. juiz, o tal seminarista é nem mais nem menos que o sr. padre Ignacio do Coração de Jesus, que só verdadeiramente veiu a saber de quem era filho, quando ha uns oito annos tendo ouvido de confissão em artigo de morte uma recolhida do convento de Pereira onde era capelão sahiu de junto da enferma a chorar. Viram no depois deitar um luto muito grande e demorado, e prestados os ultimos officios áquella infeliz criatura, que tão longamente expiou as culpas alheias, foi pedir ao sr. Bispo Conde que o mudasse para outro destino; e é desde esse tempo que lá está parcho encomendado na freguezia de Payão.

Eu não sou nada ás meninas do Montalvão mas o filho da minha Conceição é tio direito d'ellas. E quem está mais nos casos de lhes fazer beneficio senão um parente tão chegado?

A esta interrogação alguém objectou ao Nascimento. Mas d'aqui avante a quinta do Montalvão é de quem vocemecê diz seu sobrinho, e não é facil deixar escorregar das mãos uma esmola tão avultada.

Isso sim! A consciencia d'aquelle homem é um oiro em fio. E' natural que ainda n'este anno, a que tão pouco falta, tenham aquellas meninas uma boa consoada.

Talvez não seja tão boa como lhe parece, objectou ainda, quem sabe se um invejoso. Ha muitos credores que o inventario deixa em desembolso e em quanto acharem bens ás herdeiras não ficarão de braços cruzados; e lá se vai toda a sua boa vontade.

Não haja medo. Pergunte ali aos srs. drs. Mon-

teiro e Poiares, que talvez não estejam longe, se os herdeiros são obrigados a mais que a herança. Pela mesma boca já me tinha fallado o dr. Alexandre da Anadia, que em sabedoria era capaz de os enfiar a todos. A quinta de Montalvão já deixou de ser da herança e o sr. padre Ignacio pôde pôr e dispôr como quizer que não virão ladrar-lhe cães aos calcanhares.

Nos seis dias que decorreram até o dia 31 de dezembro procedeu-se a todas as diligencias judicias para auctorizar o tutor das menores Maria de Jesus e Maria José de Montalvão a accetar para ellas uma determinada doação que o reverendo padre Ignacio do Coração de Jesus pretendia fazer-lhes, e feita ficou a escriptura pelo tabellião Nuno Guedes Pinto, que fóra o escrivão do inventario do sr. Matheus Henriques o ultimo Montalvão.

Seria fastidioso relatar como e por que modo em poder do Nascimento se accumulou tão importante peculio e por que de uma vez se abria mão d'aquillo que tantos annos levava a aferrolhar; mas basta dizer que o Nascimento era supersticioso; a feiticeira no Brazil tinha-lhe dito que havia de levar a vida a ganhar para os outros, e que lá para o fim é que tinha de acabar por uma boa acção, de muita admiração para os homens, e de muito maior agrado para Deus.

Que melhor emprego poderia elle dar ao producto do trabalho de toda a sua vida se não tinha ninguem a quem o deixar, que mais lh'o merecesse? Servia-se então, por devoção com o Menino Jesus, que desde o nascimento o tem patrocinado, das mãos unguidas de um seu devotado sacerdote para dar ás senhoras de Montalvão esta bendita consoada.

SILVA MATTOS.

## PELOS TEATROS

### Republica

*A Caixeirinha* (La Demoiselle du Magasin) — peça em 3 actos. Original de Fonson e Wicheler. Tradução de Acacio de Paiva. Representa-se, com agrado da plateia portugueza, esta comedia, pequenina e fina, graciosa e leve, querida e abundantemente reclamada pelos palcos das estranhas. Com effeito, tem ela excellentes predicados que armam sempre irresistivelmente á predilecção do publico. Esfusiante de graça, surpreendente de observação, colhe o riso estrídulo das galerias e a simpatia da gente de bom-tom e bom-gosto. De resto, pertence ao numero destas peças delicadas



Chaby Augusto Rosa Leonor Faria

TEATRO DA REPUBLICA — 3.º ATO DE «A CAIXEIRINHA»

e graciosas que são facilmente empolgadas pelos actores que as representam.

Assim, os comediantes não usam de esforço exaustivo para se equipararem, sem desaire, de pronto, ás personagens que vivem em scena. Tênhâmos de memoria a maneira habil e comoda do nosso bom Chaby que interpretou á perfeição essa figura, finamente caricaturizada, de Derrider. Chaby sentiu-se instalado, a gosto, no esqueleto, desse impagavel comerciante de estofos e mobílias de pau-mogno e carvalho do norte.

Leonor Faria venceu o seu papel, talvez, de certo modo, complicado e dificultoso. Henrique Alves mostra-se sempre correto de atitudes e falas. Até Robles Monteiro, que nesta peça fez a sua estreia, manifestou-se, por certo, auspiciosamente.

Augusto Rosa é sempre um mestre de teatro — sabedôr e cauto.

### Ginásio

*O Misterio do quarto amarello* — peça em 4 actos. Original de Gaston Leroux. Tradução de Mello Barrêto. Pertencente a esse genero difuso de literatura, chamada policial, não deixa ainda de atrair amadores entusiasticos e curiosos, faceis de divertir e emocionar. O elegante teatro do Ginásio tem recebido, por noites sucessivas, enchentes de estrondo. Evidentemente, para isto concorre, a representação que é excelente.

Por tudo se descobre a atenção escrupolosa, cuidada e experimentada de Lucinda Simões.

Alegrim, Telmo, Pato Moniz — têm trabalho consciencioso. Mendonça de Carvalho e Mario Duarte conseguem arrancar á multidão, aplausos de delirio.

Zulmira Ramos interpreta delicadamente aquela figura dolorosissima de Mathilde Stangerson.



Mendonça de Carvalho

Telmo

Zulmira Ramos

TEATRO DO GINÁSIO — UMA SCENA DO «MISTERIO DO QUARTO AMARELO»

## Miniaturas

### O meu jardim

Tinha-o deixado florido, quando parti.

Lagrimas meditabundas debruçavam-se das hastes frageis. Crysantemos de coloridos variegados brotavam aos montes, atapetando os canteiros duma polycromia alegre. Violêtas perfumadas soerguiam-se tímidas por entre a folhagem verde-nêgra, tufada e macia. Cravos de néve e de sangue, recortados e serrados como cristas, patenteavam em latas ferrugentas a sua vida exuberante. Botões de goivos arroxeados a floravam das touças — Rosas-de-chá — as ultimas! — aureoladas de espinhos, duma palidez melanchólica, derramavam aromas suavissimos no ambiente...

Despegavam-se das arvores as folhas amareladas. Era a chuva d'oiro, o velho oiro do Outomno. Desprendiam-se uma a uma, a pouco e pouco, como se tivessem pena da arvore que as creára. Desprendiam-se talvez com saudáde e voejavam no ar como loucas, redemoinhando...

O chão inda mordido das canículas jucava-se a breve trecho. E a folhagem acabava de envelhecer e de encarquilhar-se...

Já não parece o mêsmo o meu pobre jardim!

Os canteiros vejo-os desertos e solitarios. Fenecêram as lagrimas. Sumiram-se os crysantemos. Crestaram-se as violêtas. Emmurcheceram as rosas. Só floresce um ou outro goivo engelhado, triste como um viuvo sem consôlo.

As arvores estão nuas. Já não cahem as folhas mansamente, como uma chuva d'oiro velho. Arrastadas pela terra humida, espessinhadas, cuspidas, sujas, dir-se-hiam trapos negros, despreziveis...

O meu pobre jardim! Tinha-o deixado florido...

MANUEL DA GRANJA.

## PUBLICAÇÕES

**O Grande Industrial** — por George Ohnet. Tradução de Henrique Marques Junior. Livraria Guimarães & C.<sup>a</sup> — 1913.

Este livro teve epoca de sensação. No ano do seu aparecimento, a admiração que suscitou no espirito do grosso publico exacerbou-se por vezes numa especie de delirio. As qualidades literarias brilhantissimas de George Ohnet — estilo fluente e melodioso, entrecho empolgante, escolha sabia de situações — concorreram, no seu proprio tempo, para um successo segurissimo. Hoje, os seus detractôres surgem de todos os lados implacavelmente. Todavia, os livros de George Ohnet alimentam, ainda actualmente, em certa sociedade, uma alimentação ferverosa.

É, pois, muito natural, que esta edição, feita com esmêro pela considerada casa de Guimarães & C.<sup>a</sup>, seja em breve esgotada. A tradução, realisada carinhosamente pelo nosso amigo Henrique Marques Junior, é completa e correctissima.

**Claro-Escuro** — Versos, por Eduardo João Ribeiro — Covilhã, 1913.

Livro dum poeta que se estreia — recebemo-lo com simpatia. Simples, ingenua, amavel, a sua alma criou-se e ergueu vôo, entre as serranias da Beira, nessa paisagem altiva, linda e santificada.

O sr. Eduardo João Ribeiro canta as moças formosas da sua terra, as lides sadias do campo, as festas de aldeia, o céu azul, o trabalho, a virtude...

Nos seus versos simples, ha esperança, vigôr, mocidade. Tempos descuidados de estudante, perpassam palreiros e generosos. Azul purissimo ala-se em todo o horizonte — e se nuvens assomam e acorrem, é porque vão formar, sobre a cabeça do poeta, castelos de sonho e maravilha.

## O Banco Português Americano

Extraordinarios progressos devidos ao esforço, inteligente e rara atividade de dois portuguezes

Somos em principio contrarios ás correntes de emigração que se têm produzido entre nós com uma tal insistencia que chega a ser assustador o problema agricola e industrial de amanhã ante a ausencia progressiva de braços fortes e vontades decididas, sempre indispensaveis á florescencia duma terra como a nossa tão bela e por assim o sêr, talvez mais ingrata para os seus naturaes, não podendo ceder-lhe generosamente os salarios compensadores que para sempre os afastassem da terrivel sina de irem para longes terras pro-

curar melhor estimulo para as suas energias, só então avivados pelo desejo de algum dia tornarem ao torrão natal, quanto mais distante, mais querido e mais lembrado.

Ha meio-seculo seguramente que uma forte corrente emigratoria se desenhou com mais entusiasmo e mais preferencia pelos Estados Unidos da America. Ao lêrmos a *União Portuguesa*, brilhante órgão na imprensa da nossa colonia, experimentamos pela vez primeira um prazêr que nos consola do desanimo e desalento que esboçámos nas primeiras linhas que escrevêmos, e que passamos a justificar certos de que não ficaremos isolados ante a expansão do nosso justo contentamento.

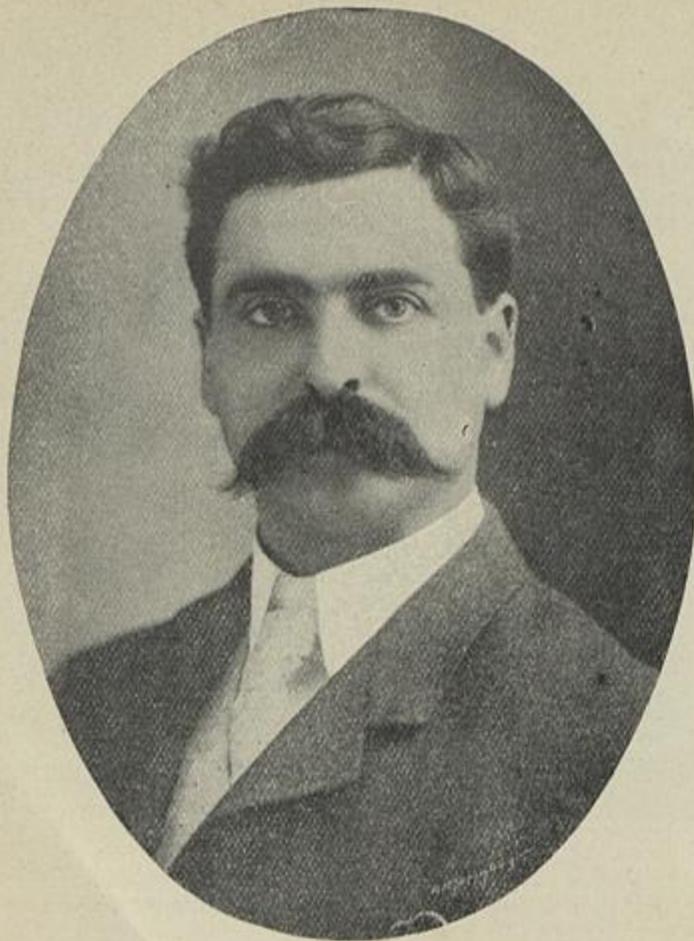
Pois, senhores, fôram dois nossos compatriotas que deram todo o impulso de prosperidades ao Banco Português Americano cujo movimento financeiro durante o ano passado se acentuou duma maneira extraordinaria, sem precedentes na sua historia e só depois da posse da nova direcção, á frente da qual se encontram como Presidente e gerente o sr. Joaquim A. Silveira e como Vice-Presidente o sr. João Enas, nomes estes que tão longe honram o nosso prestigio de toda a ordem e que aqui escrevemos sob a tutela dum respeito e duma consideração que publicamente e bem alto, para que sejamos bem ouvidos, não nos cançaremos de afirmar tão grande é a nossa alucinação ante a obra gigantesca produzida por dois irmãos nossos, que brilhantemente se sabem impôr num meio extranho e naturalmente hostil, pela excelencia das suas prodigiosas iniciativas.

Publicando o OCCIDENTE os retratos destes portuguezes illustres glorifica d'algum modo a nossa raça no que ela tem de melhor quanto a vontade e caráter seguramente afirmados numa obra meritória de rejuvenescimento financeiro dentro duma casa bancaria importantissima, que pelo seu nome evoca Portugal, nos Estados Unidos da America alevantado pelo braço de dois filhos dos mais illustres e que tem todo o direito á nossa consagração sem reservas ou estreitezas.

A colonia portuguesa dá hoje toda a preferencia em materia de transações financeiras de qualquer especie ao Banco Português Americano de San Francisco, que tanta honra e gloria está dando a quantos se prezam do nome illustre lusitano.

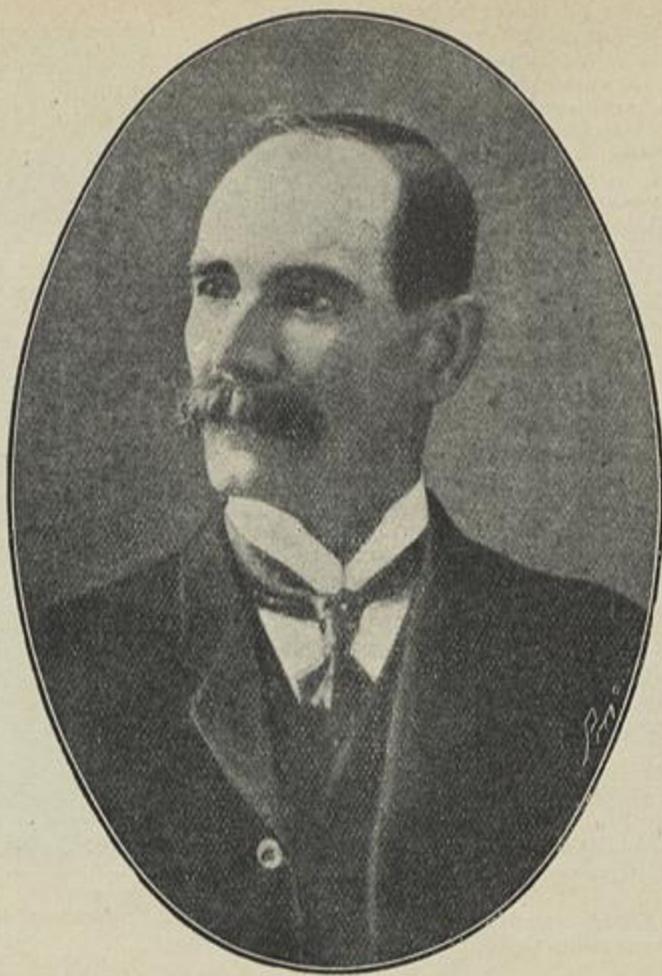
Como prova do seu grande desenvolvimento já adquiriu edificio proprio — um dos mais suntuosos, no seu genero, na cidade de San Francisco e cuja construção importou em mais de cem mil dolares.

Este facto que apontamos como um acontecimento sensacional, leva-nos a felicitar ardentemente os nossos queridos compatriotas de que ha pouco falámos e que ao esplendor da instituição



J. A. SILVEIRA

PRESIDENTE E GERENTE DO BANCO PORTUGUÊS E AMERICANO



JOÃO ENAS

VICE-PRESIDENTE DO BANCO PORTUGUÊS AMERICANO

que lhes foi confiada em janeiro de 1913 têm sabido heroicamente sacrificar os seus enormíssimos recursos particulares.

Perante exemplos como estes cesse toda a nossa justificada má vontade ante o quasi diario desaparecimento de energias que julgamos indispensaveis para conjuntamente cooperarem cá dentro na obra necessaria de renascimento nacional, sobretudo sob o aspéto financeiro. Mas ao depararmos com a magnificente obra de portuguezes, em terra longinqua, dentro dum estabelecimento que usa o nome portuguez, nós rejubilamos alegremente e sentimos então que o poder da nossa raça é tão grande que pó. le livremente expandirse e levar o seu quanto de novos empreendimentos de toda a categoria ás mais remotas paragens,

onde o nosso nome era apenas respeitado pelo culto de tradiçãõ já meio dissipado atravez os neoveiros das velhas conquistas.

Abençoamos portanto a hora em que dois illustres portuguezes abandonaram a patria querida, para irem della bem distantes dar largo emprego ás suas iniciativas que, por circumstancias inexplicaveis, aqui não puderam ser prosperamente aproveitadas e honramo-nos em salientar a obra altamente patriota dos srs. Joaquim Antonio da Silveira e João Enas, que ao cabo de largos anos de exilados, quando cercados de todos os esplendores duma grande fortuna, puzeram logo todo o seu cuidado e carinho, energia e honestidade no levantamento duma obra financeira ligada ao nome portuguez, mostrando assim que dentro da

terra onde alcançaram fortuna e gloria, lembram constante e saudosamente a terra mãe, e este facto por si tão belo deixa nos adivinhar e antevêr o final da obra monumental e patriota que estes dois genios acabarão de realisar e oxalá que os nossos presentimentos se não afastem da verdade que sonhamos: estes dois raros portuguezes cêdo voltarão a nós, ao seu querido Portugal e certos estamos de que a obra lá longe tão brilhantemente esboçada, será aqui repetida e por maneira tal, que as suas iniciativas raras hão-de pesar e muito no futuro balanço financeiro dum povo que está prospero e feliz ante a contemplaçãõ do exemplo a seus olhos trazido por dois benemeritos, por dois verdadeiros heroes da velha terra de navegadores ousados.

## CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

**Kilo 1:500 réis**



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca  
em todos os estabelecimentos

## CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas. 600 réis

## Atelier Photo-Chimi-Graphico P. MARINHO & C.<sup>a</sup>

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA  
NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execuçãõ perfeita.

**CONTRA  
A TOSSE**

**MARQUE PEITORAL  
JAMES**

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C.<sup>a</sup>, Lisboa.*

## Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais effieaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

**Pharmacia Franco, Filhos**

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas. 200 réis  
Cada lata " " " " 240 "

A' venda em todas as pharmacias

# ALMANAQUE ILUSTRADO DO "OCCIDENTE"

Para 1914 — PREÇO 100 RÉIS — Pelo correio 120

Está publicado e á venda em todas as principaes livrarias e tabacarias e na provincia em casa dos srs. agentes

Empreza do Occidente — POÇO NOVO — LISBOA